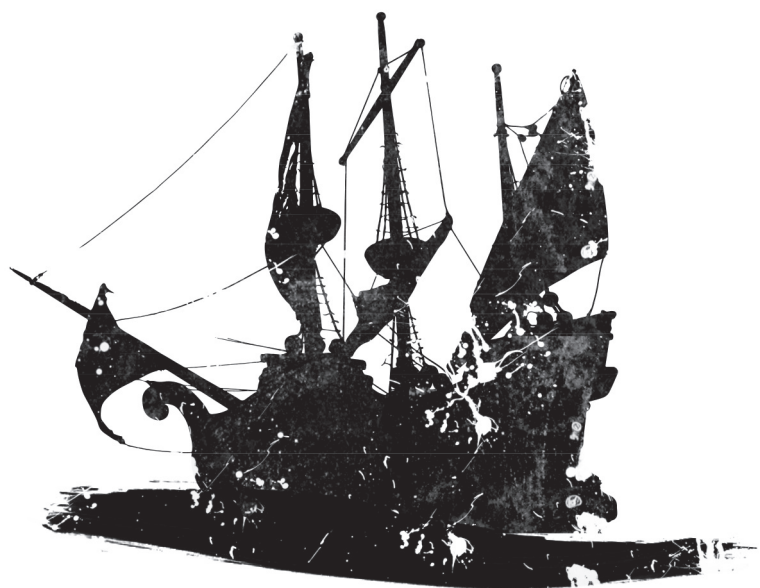






A ILHA DO TESOURO

ROBERT LOUIS STEVENSON



Civilização
Editora

Título original: *Treasure Island*

© 2014 Civilização Editora

Todos os direitos reservados

Tradução: Civilização Editora

Revisão: Civilização Editora

Design gráfico e ilustrações: Pedro Aires Pinto

Pré-impressão, impressão e acabamentos: CEM Artes Gráficas

1.^a edição em novembro de 2014

ISBN 978-972-26-3657-5

Depósito Legal 376869/14

Civilização Editora

Rua Alberto Aires de Gouveia, 27

4050-023 Porto

Tel. 226 050 900

geral@civilizacaoeditora.pt

www.civilizacao.pt



SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE / O VELHO PIRATA

I – O Velho Lobo do Mar na Estalagem “Almirante Benbow”	9
II – Cão Negro Aparece e Desaparece	17
III – A Marca Negra	25
IV – A Arca do Marinheiro	33
V – A Morte do Cego	41
VI – Os Papéis do Capitão	49

SEGUNDA PARTE / O COZINHEIRO DE BORDO

VII – Parto para Bristol	59
VIII – Na Estalagem do “Telescópio”	67
IX – Pólvora e Armas	75
X – A Viagem	83
XI – O Que Ouvi na Barrica das Maças	91
XII – Conselho de Guerra	99

TERCEIRA PARTE / A MINHA AVENTURA NA ILHA

XIII – Como Começou a Minha Aventura na Ilha	109
XIV – O Primeiro Embate	117
XV – O Homem da Ilha	125

QUARTA PARTE / A PALIÇADA

XVI – Continuação da Narrativa pelo Doutor. Como Foi Abandonado o Navio	135
XVII – Continuação da Narrativa do Doutor. Última Viagem do Escaler	141
XVIII – Continuação da Narrativa do Doutor. Fim do Primeiro Dia de Combate	147
XIX – Jim Hawkins Retoma a Narrativa. A Guarnição da Paliçada	153
XX – A Embaixada de Silver	161
XXI – O Ataque	169

QUINTA PARTE / A MINHA AVENTURA NO MAR

XXII – Como Principiou a Minha Aventura no Mar	179
XXIII – A Maré Baixa	187
XXIV – O Cruzeiro do Coracle	193
XXV – Arreio o Pavilhão da Caveira	201
XXVI – Israel Hands	207
XXVII – “Peças de Oito”	217

SEXTA PARTE / O CAPITÃO SILVER

XXVIII – No Campo do Inimigo	227
XXIX – Outra Vez a “Marca Negra”	237
XXX – Sob Palavra	245
XXXI – Em Busca do Tesouro. O Indicador de Flint	253
XXXII – Em Busca do Tesouro. Uma Voz por Entre as Árvores	263
XXXIII – A Queda de Um Chefe	271
XXXIV – Conclusão	279





PRIMEIRA PARTE



O VELHO PIRATA



I

O VELHO LOBO DO MAR NA ESTALAGEM “ALMIRANTE BENBOW”

O fidalgo Sr. Trelawney, o Dr. Livesey e os outros cavalheiros pediram-me que registasse, preto no branco, todos os pormenores a respeito da Ilha do Tesouro, tudo de cabo a rabo, omitindo, porém, os elementos relativos à situação geográfica da ilha, porque ainda permanece lá uma parte do tesouro que ficou por desenterrar. Por isso, no ano da graça de 17... peguei na pena e recuei no tempo até à altura em que, estando o meu pai à frente da estalagem do “Almirante Benbow”, se foi instalar debaixo do nosso teto o velho marinheiro que, no rosto curtido pelo sol, ostentava a cicatriz duma sabrada.

Recordo, como se fosse ontem, a maneira como se arrastou, lenta e penosamente, para a porta da estalagem, seguido da arca de marinheiro, que vinha num carrinho de mão. Alto, forte, pesadão, pele acastanhada, o rabicho do cabelo negro e pegajoso caía-lhe nos ombros de um casaco azul porquíssimo. Tinha as mãos calosas e cheias de cicatrizes, as unhas pretas e rachadas. O gilvaz que lhe atravessava uma das faces era de um branco lívido e sujo. Lembro-me do modo como se pôs a observar a enseada em redor, e como, ao fazê-lo, assobiou para si mesmo. De súbito, irrompeu naquela velha canção do mar, que tantas vezes cantaria daí em diante:



ROBERT LOUIS STEVENSON

*Quinze homens empilhados na arca do morto,
Iou-ou-ou, e uma garrafa de rum!*

A sua voz aguda e rachada de velho dir-se-ia ter sido afinada ao diapa-são rangente das barras do cabrestante. Então, com um bordão que lhe servia de arrimo, bateu nervosamente à porta. Quando o meu pai apareceu, pediu, com maus modos, um copo de rum. Este foi-lhe trazido ali mesmo. E, de pé, sorveu o seu conteúdo lentamente, como um conhecedor, atardando-se a saboreá-lo, enquanto olhava em redor de si, em direção aos rochedos e para a nossa tabuleta.

– Enseada jeitosa! – exclamou, por fim. – Taberna belamente situada! Muita clientela por aqui, ó camarada?

O meu pai disse-lhe que não. Que a clientela era muito pouca, o que era de lamentar.

– Então, tanto melhor! – retorquiu. – Eis o ninho que me serve! Vem cá, ó moço! – berrou para o homem que trouxera o carrinho de mão. – Vem cá acima descarregar a arca! Acho que me vou instalar aqui uma temporada – continuou. – Sou um tipo pouco exigente. Rum e ovos com presunto, é quanto me basta. Bom!, e ali também aquele miradouro, donde poderei ver os navios passar ao largo... Como é que vocês me hão de chamar? Podem chamar-me capitão! Ah!... Estou mesmo a ver o que é que vos preocupa!... Aí está!

E arremessou para a soleira da porta três ou quatro moedas de ouro.

– Quando tiver comido e bebido isso, avisem-me! – exclamou com a arrogância de um comandante.

Na verdade, embora as suas roupas metessem nojo, estava longe de parecer um vulgar tripulante, desses que labutam no convés. Parecia mais um



A ILHA DO TESOURO

imediatamente ou capitão, habituado a ser obedecido e a apavorar subordinados. O homem que transportara o carrinho de mão contou que a mala-posta deixara, da parte da manhã, aquele marinheiro em frente ao “Royal George“, que ele perguntara quais eram as estalagens que havia ao longo da costa, e que, tendo ouvido as melhores referências da nossa, a qual, segundo suponho, lhe foi descrita como solitária, a preferira, entre todas, para lugar de residência. E isto foi tudo quanto pudemos saber a respeito do nosso hóspede.

Este era um fulano habitualmente calado. Passava o dia inteiro a deambular pela enseada, a trepar aos rochedos, com o seu telescópio de latão. À noite, sentava-se a um canto da sala próximo da lareira, bebendo rum fortíssimo, quase sem mistura de água. Se lhe dirigiam a palavra, o mais certo era nem se dignar responder. Fulminava o interlocutor com um súbito olhar de desprezo, e o nariz soprava-lhe como fole de ferreiro. Assim, tanto eu como os frequentadores da estalagem acostumámo-nos a deixá-lo em paz. Todos os dias, após o regresso do passeio habitual, perguntava se não teríamos visto passar pela estrada homens com aspeto de embarcações. Julgámos, a princípio, que era o desejo de vir à fala com marítimos como ele que o levava a tal interrogatório. Descobrimos, porém, mais tarde que pretendia apenas evitá-los. Quando acontecia algum marujo arribar à nossa estalagem, o que se dava às vezes (pois a estrada da costa era um dos caminhos que conduziam a Bristol), punha-se a observá-lo à socapa através das cortinas da porta, antes de entrar na sala. Então, enquanto o estranho estivesse presente, mantinha-se caladinho como um rato. Todavia, a certa altura, a atitude dele deixou de constituir um mistério – pelo menos para mim, uma vez que passei, de certa maneira, a partilhar dos seus terrores. Certa ocasião, chamou-me à parte e prometeu que me daria no primeiro dia de cada mês uma moeda de prata de quatro dinheiros se eu conservasse os meus olhos bem abertos e o avisasse



ROBERT LOUIS STEVENSON

da aproximação de qualquer marinheiro que tivesse uma perna só. Tal facto dever-lhe-ia ser comunicado imediatamente. Acontecia, porém, muita vez que no dia um, quando lhe pedia o salário, me pulverizava com os olhos, e o nariz roncava-lhe de fúria. Contudo, antes que a semana acabasse, pensando melhor, vinha entregar-me a moeda de quatro dinheiros. Repetia, então, as ordens formais de estar atento ao “marinheiro da perna só”.

Acho que nem vale a pena dizer-vos como tal personagem me povoava os sonhos. Era nas noites de tempestade, quando o vento fazia estremecer os quatro cantos da casa e a ressaca bramia na enseada e nos rochedos, que ele costumava surgir-me revestido dos mais diferentes aspetos, de milhares de expressões diabólicas. E a perna tanto me aparecia cortada pelo joelho como pelo quadril. Às vezes surgia-me como um ser monstruoso que nunca tivera senão uma perna, colocada a meio do corpo. Constituía para mim o mais pavoroso dos pesadelos vê-lo saltar, correr e perseguir-me por trancos e barrancos. Ah! O salário mensal de quatro dinheiros saía-me caro, pois tinha de enfrentar as visões mais abomináveis.

Todavia, ainda que vivesse no pavor do homem da perna só, eu era, e de longe, quem menos receava o capitão. Havia noites em que este emborcava mais rum do que a cabeça lhe poderia aguentar. Então, sem ligar a mínima importância a quem estivesse presente, desatava a cantar velhas canções de marinheiros, selvagens e ferozes. Às vezes, dava-lhe para oferecer bebidas a toda a gente, obrigando os circunstantes, que tremiam como varas verdes, a ouvir as histórias que contava ou a acompanhá-lo em coro. E a casa estremecia, com frequência, ao som do estribilho:

Iou-ou-ou, e uma garrafa de rum!



A ILHA DO TESOURO

Todos o acompanhavam em coro, para salvar a vida. O pavor da morte paralisava os presentes, e, assim, cada qual cantava mais alto do que o vizinho, a fim de não chamar as atenções sobre si. Quando lhe davam estas fúrias, era o fulano mais cruel que imaginar se pode! Impunha silêncio dando punhadas na mesa, e, a qualquer pergunta, explodia numa chama de raiva. Porém, se acaso não se atreviam a interrogá-lo, a reação era idêntica. Considerava o facto como demonstrativo de não estarem a prestar a devida atenção ao que contava. Além disso, não permitia que ninguém abandonasse a taberna enquanto não estivesse perdido de bêbado, e, atordoado pelo sono, caísse como chumbo na cama.

O que mais aterrorizava os circunstantes eram as histórias que contava – histórias pavorosas de enforcamentos; de pessoas que obrigavam a caminhar, de mãos atadas e olhos vendados, numa prancha suspensa sobre o mar, onde acabavam por cair; de tempestades e selvajarias perpetradas nas Caraíbas e noutras paragens sinistras. A dar crédito ao que narrava, não havia dúvida de que devia ter convivido com a gente mais cruel que até então sulcara os oceanos. A própria linguagem que empregava infundia quase tanto horror à gente simplória daquela região como os crimes que descrevia. O meu pai repetia, constantemente, que em breve a estalagem teria de abrir falência, pois não tardaria muito que os clientes não pusessem lá mais os pés. Verdade, verdadinha, saíam da estalagem para a cama perfeitamente arrastados, oprimidos, com os dentes a chocalhar. Todavia, quando me lembro do que se passou, acho que a presença dele até nos era benéfica. É claro que, no momento, as pessoas ficavam aterrorizadas, mas, ao evocarem o que se passara, auferiam um certo prazer. Naquela pachorrenta vida provinciana, aquilo era terrivelmente excitante. Alguns jovens chegavam a afirmar que o admiravam. Chamavam-lhe “verdadeiro lobo do mar”, ou “autêntico marujo



ROBERT LOUIS STEVENSON

da velha-guarda”, e outras coisas de igual jaez. Sustentavam que aquele é que era o tipo de homem que tornara a Inglaterra temida nos mares.

Porém, de certa maneira, estava a arruinar-nos mesmo. O dinheiro que nos entregara havia muito que o tinha comido e bebido. Assim se passaram semanas e mesmo meses sem que o meu pai se resolvesse a insistir no pagamento. Se se atrevia a fazer alusão ao facto, era certo e sabido que o capitão fungava tão estrepitosamente, que o sopro nasal se assemelhava a um autêntico rugido, e o meu pai saía-lhe do quarto, como se tivesse sido fulminado. Depois de uma destas cenas vi o meu pai torcer as mãos com desespero, e tenho a certeza de que o desgosto e o pavor em que vivia em muito contribuíram para apressar a sua morte.

Durante todo o tempo em que viveu connosco, o capitão em nada alterou o vestuário. Limitou-se, apenas, a comprar algumas peúgas a um vendedor ambulante. Uma das abas do chapéu caíra-lhe e ficara ao penduro, o que não deixava de constituir uma coisa aborrecida quando o vento soprava. Lembro-me ainda bem do aspeto do casaco, que ele consertava no quarto, e que, a certa altura, era só remendos. Nunca recebeu, nem escreveu qualquer carta, e nunca dirigiu a palavra a ninguém, a não ser aos nossos vizinhos, e clientes. Mesmo com estes só o fazia quando já estava bêbado. E nunca nenhum de nós jamais vira aberta a sua arca de marinheiro.

Só uma vez encontrou alguém que lhe fizesse frente. Foi na altura em que o meu pobre pai já caíra no abatimento mortal que o levaria deste mundo. Um dia, ao anoitecer, chegou o Dr. Livesey para ver o doente. Comeu um pouco do que a minha mãe lhe serviu, e dirigiu-se para a sala, a fim de fumar uma cachimbada, enquanto o seu cavalo não vinha da aldeia, pois nós não dispúnhamos de estrebaria na estalagem. Segui-o, e lembro-me bem do contraste entre o médico tão asseado, tão elegante, cabelos empoados, olhos negros e maneiras



A ILHA DO TESOURO

cavalheirescas e aquela rude gente que por ali estava. O contraste mais chocante era o que resultava do confronto com o espantalho do nosso pirata, repelente, imundo e pesado, encharcado de rum, de braços estendidos sobre a mesa. Subitamente, ele – o capitão, claro está – irrompeu na velha cantilena:

*Quinze homens empilhados na arca do morto,
Iou-ou-ou, e uma garrafa de rum!
O vinho e o diabo é que rebentaram com os outros,
Iou-ou-ou, e uma garrafa de rum!*

A princípio, supus que a “arca do morto” fosse igual à arca que ele tinha no quarto. E, assim, ela aparecia-me nos pesadelos, misturada com a visão do marinheiro da perna só. Porém, por aquela ocasião, havia já muito que não ligávamos a mínima importância à cantiga. Nessa noite só para o Dr. Livesey é que ela constituía novidade, e verifiquei que o efeito produzido não foi agradável, pois antes de prosseguir a conversa com o velho Taylor, o jardineiro, a respeito de um novo tratamento do reumatismo, olhou bastante zangado para o capitão. Este, entretanto, começou a entusiasmar-se com a sua cantilena, e, em determinado momento, deu uma palmada na mesa, daquela maneira que nós já sabíamos ter apenas um único significado: *Silêncio!* Todos se calaram, de súbito. Todos, exceto o Dr. Livesey, que continuou a falar, como anteriormente, com a sua voz clara e amável, ao mesmo tempo que, entre duas ou três palavras, puxava uma cachimbada. O capitão arregalou-lhe os olhos durante um instante e deu nova palmada na mesa. Por fim, com os olhos fora das órbitas, explodiu na praga mais suja e ordinária, berrando:

- Silêncio, aí, na entrecoberta!
- O senhor está a falar comigo? – perguntou-lhe o médico.



ROBERT LOUIS STEVENSON

Quando o rufia lhe respondeu, com outro palavrão, que sim, que era com ele mesmo que falava, o médico retorquiu-lhe:

– Só lhe quero dizer uma coisa. É que se continua a beber rum dessa maneira, em breve o mundo se verá livre de um malandro da pior espécie.

A fúria do velho marinheiro foi terrível de ver-se. Deu um pulo e, abrindo uma navalha de marujo, começou a brandi-la em gesto de cravar o médico contra a parede.

Este nem sequer pestanejou. Continuou a falar-lhe como antes, com ar de desprezo, no mesmo tom de voz, que era um tanto alto, embora calmo e firme, de modo que todos os presentes o pudessem ouvir:

– Se não meter essa navalha imediatamente na algibeira, garanto-lhe, pela minha honra, que na primeira sessão do Tribunal condená-lo-emos à forca!

Seguiu-se uma batalha de olhares entre eles. Mas, breve, o capitão se encolheu, guardou a arma e regressou ao lugar, rosnando como um cão que tivesse sido espancado.

– E, agora – continuou o médico –, já que sei que há um tipo da sua força aqui na região, pode ter a certeza de que nunca mais o largo de olho. Não sou apenas médico, mas também juiz. Se me chega aos ouvidos a mais ligeira queixa a seu respeito, nem que seja por uma má-criação como a de hoje, tomarei medidas eficazes para que seja imediatamente expulso desta terra. E não é preciso dizer mais nada!

O cavalo do Dr. Livesey chegou quase logo, e o médico partiu. Mas, naquela noite, o capitão continuou calado, e assim se manteve durante muitas noites.